

PINTURA DE NUNO GONÇALVES

# Painéis de S. Vicente ou de D. Fernando?

A figura geralmente identificada como S. Vicente será, afinal, D. Fernando, o «Infante Santo» que morreu prisioneiro na cidade de Fez. E o rapaz com o sapato misterioso será D. Afonso V e não o futuro D. João II

NEUE ZÜRCHER ZEITUNG  
Zurique

**A** obra mais famosa da pintura portuguesa esteve durante muito tempo ao pó. Por volta de 1882 foi encontrada num convento em Lisboa. Quem hoje visitar, na metrópole do Tejo, o Museu Nacional de Arte Antiga, não pode ignorá-la. Logo à entrada vêem-se placas que apontam o caminho até aos «Painéis de S. Vicente» com os seus mais de 500 anos. Trata-se de um polidíptico de seis pinturas no qual se vêem — por enquanto sem contestação — membros da família real, pescadores, monges, altos dignatários da Igreja e cavaleiros, entre outros. Mas os especialistas nunca foram unânimes sobre quem representam as figuras que o pintor perpetuou nas tábuas de madeira de carvalho báltica. Há pouco, recrudesciu uma velha polémica.

## Uma tese dos anos 20

Para os guias de viagem, que produzem a obra no intuito de facilitar aos seus leitores a identificação de algumas das figuras, através de setas, a questão está esclarecida. Os quadros, de cerca de dois metros de altura, foram pintados por volta de 1460, provavelmente por Nuno Gonçalves. Mostram, segundo se diz, a oração de S. Vicente, que aparece duas vezes. Num dos quadros está ajoelhado à sua frente o rei Afonso V, diz-se, e por trás do monarca estão um cavaleiro, que, se-



↑ Os painéis de Nuno Gonçalves, no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Foto de Jorge Simão

gundo a interpretação corrente, é o futuro rei João II, e o Infante D. Henrique, falecido em 1460, conhecido como Henrique, o Navegador.

Com base em novos conhecimentos, o professor de matemática lisboeta Jorge Filipe de Almeida, que se interessa por arte, apresentou agora uma tese alternativa que já nos anos 20 exaltou os ânimos. Defende-a como co-autor de um livro que vai na segunda edição (Jorge Filipe de Almeida e Maria Manuela Barroso de Albuquerque, *Os painéis de Nuno Gonçalves*, editora Verbo, 6199 euros). Na sua interpretação, a figura central

que segura uma bíblia aberta sobre um suporte não é S. Vicente, mas o Infante D. Fernando — venerado pelo povo como santo — a quem os membros da família real e da sociedade prestam a última homenagem após a sua morte.

D. Fernando caiu nas mãos dos mouros em 1437, durante uma tentativa vã de conquista da cidade portuária de Tânger, nas mãos dos mouros que o tomaram como refém e o mantiveram cativo em Fez. Quando morreu, em 1443, o seu cadáver nu foi suspenso durante quatro dias nos muros da cidade. Nesse período festejou-se o Pentecos-

tes. Para Almeida, a Bíblia também não está aberta por acaso numa passagem do evangelho de S. João frequentemente lida no Pentecostes. E, na sua opinião, uma corda desenrolada que se vê em primeiro plano faz lembrar um quadro da cena humilhante no muro de Fez.

## Mais antigo do que se supunha

Quem são as outras figuras principais? Almeida põe em causa algumas interpretações habituais, porque os quadros, na sua opinião, são 25 anos mais antigos do que normalmente se supõe. A sua teoria baseia-se no resultado de uma análise do anel de crescimento anual, efectuada por um especialista alemão, na madeira em que o artista pintou. No ornamento do sapato do provável João II, Almeida até descobriu uma data e uma assinatura. Na paleografia portuguesa da Idade Média, as letras CCCCrb significavam 445. Por isso, o quadro não data apenas de 1470. O pintor, que até agora foi supostamente Nuno Gonçalves, marcou a sua obra com a abreviatura NGs. Devido à datação, o rapaz com o sapato misterioso também já não pode ser D. João II, diz Almeida, mas o rei Afonso V, que em 1445 tinha 13 anos. Encontra-se entre o seu pai, ajoelhado — o rei D. Duarte, falecido em 1438 — e o seu irmão Henrique, que usa um chapéu de abas largas. Pelo menos, o crítico de arte não contesta a presença, na famosa pintura, desta figura histórica da era das grandes descobertas.

● Thomas Fischer

## MÚSICA

# Holandeses rendem-se ao fado

**N**A viragem do século, ocorreu um milagre cultural nos Países Baixos. Cristina Branco, uma cantora então desconhecida no seu país, Portugal, deu um espectáculo. Fez dançar as mãos lentamente diante do rosto, fixou um olhar teatral no céu e cantou uma estrofe de poesia portuguesa de uma grande pureza. Nesse momento, os Países Baixos tornaram-se um país do fado.

A melancolia portuguesa vagueia, desde há seis anos, pelos polders. Embora não dominemos o português, a linguagem do fado é universal e sentimos o que todas estas canções líricas exprimem. A vida, o amor e a morte, naturalmente. A luta pela existência, o azedume do presente, a doçura do passado. O fado fala de nós.

José Melo, português de Amsterdão, ficou estupefacto ao ver o país sucumbir ao fado. No final dos anos 90, passou-lhe pelas mãos um «clip» de demonstração de Cristina Branco. Mandou vir a jovem cantora aos Países Baixos para um pequeno concerto em Utreque. «Live in Holland» tornou-se um modesto CD. Branco participou no programa de domingo de manhã de Han Reiziger, no canal VPRO, «e poucos meses depois dava um espectáculo em Amsterdão, no Concertgebouw, que esgotou a lotação. Gravou um CD com poemas do escritor neerlandês Slauerhoff, cantados em português. Cristina está a fazer duas digressões por época nos Países Baixos. Nunca poderia prever isto», conta Melo.

Os Países Baixos parecem ter-se apropriado do sofrimento veiculado pelo fado. Mas porquê? «A melancolia do fado soube agradar, porque estamos a viver tempos difíceis», avança o empresário. Ou «talvez se deva à simplicidade, numa época em que estamos saturados de vozes de estrelas e de fogos-de-artifício».

Os holandeses não apreciam especialmente a sua própria cultura musical popular. Troçamos das nossas canções de marinheiros, que se cantam no carnaval, do acordeão ou da música de café nos nossos portos. José Melo continua, todavia, céptico em relação ao sucesso do fado nos Países Baixos. «Dentro de dois anos, restarão duas ou três cantoras, para as quais have-

rá sempre público. O resto desaparecerá».

A «escola» holandesa forneceu a sua própria variante, uma espécie de fado dos polders. O grupo de Nimegue, Quatro Ventos, canta um fado impregnado de nostalgia, de saudade, ainda mais triste do que a sua forma original, acrescentando-lhe o som melancólico de um violino. E a cantora frísia Nynke Averman tornou-se um fenómeno, em 2005, com um CD de fados em frísio: *Sielesâlt*. «Os holandeses não compreendem o português, mas também não compreendem o frísio», observa Laverman. «Talvez esteja aí o segredo: como não compreendemos o que se diz, deixamo-nos submergir».

● Robert Van Gijssse, *De Volkskrant* (excertos), Amsterdão